



EVOLUÇÃO DA PAISAGEM URBANA
CIDADE E PERIFERIA

COORD.
MARIA DO CARMO RIBEIRO
ARNALDO SOUSA MELO

EVOLUÇÃO DA PAISAGEM URBANA CIDADE E PERIFERIA

COORD.
MARIA DO CARMO RIBEIRO
ARNALDO SOUSA MELO

MARIA DO CARMO RIBEIRO

Professora Auxiliar do Departamento de História da Universidade do Minho, Investigadora do CITCEM e da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Doutorada em Arqueologia, na especialidade de Arqueologia da Paisagem e do Território, pela Universidade do Minho. A sua investigação tem-se centrado nas questões de urbanismo, morfologia urbana, arqueologia da arquitectura e história da construção.

ARNALDO SOUSA MELO

Professor Auxiliar do Departamento de História da Universidade do Minho, Investigador do CITCEM. Doutorada em História da Idade Média pela Universidade do Minho e pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris. O seu campo de investigação incide sobre a sociedade, economia, poderes e organização do espaço urbano medieval, em particular a organização do trabalho e da produção, incluindo a história da construção.

OUTROS TÍTULOS DE INTERESSE:

História da Construção – Os Construtores

Arnaldo Sousa Melo e Maria do Carmo Ribeiro (coord.)

História da Construção – Os Materiais

Arnaldo Sousa Melo e Maria do Carmo Ribeiro (coord.)

História da Construção – Arquiteturas e Técnicas Construtivas

Arnaldo Sousa Melo e Maria do Carmo Ribeiro (coord.)

Evolução da paisagem urbana: sociedade e economia

Maria do Carmo Ribeiro e Arnaldo Sousa Melo (coord.)

Evolução da paisagem urbana: transformação morfológica dos tecidos históricos

Maria do Carmo Ribeiro e Arnaldo Sousa Melo (coord.)

EVOLUÇÃO DA PAISAGEM URBANA CIDADE E PERIFERIA

COORD.
MARIA DO CARMO RIBEIRO
ARNALDO SOUSA MELO



EVOLUÇÃO DA PAISAGEM URBANA CIDADE E PERIFERIA

COORD.
MARIA DO CARMO RIBEIRO
ARNALDO SOUSA MELO

FICHA TÉCNICA

Título: Evolução da paisagem urbana: cidade e periferia

Coordenação: Maria do Carmo Ribeiro e Arnaldo Sousa Melo

Figura da capa: Mapa de Braga (Finais do século XVII), *Forum*, 15/16, Jan-Jul 1994, p. 23

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

IEM – Instituto de Estudos Medievais (FCSH – Universidade Nova de Lisboa)

Apoios: UAUM – Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

FACC – Fundo de Apoio à Comunidade Científica – Fundação para a Ciência e a Tecnologia

ACM – Associação Comercial de Braga

Design gráfico: Helena Lobo www.hldesign.pt

ISBN: 978-989-8612-09-0

Depósito Legal: 379190/14

Conceção gráfica: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. www.sersilito.pt

Braga, setembro 2014

O CITCEM é financiado por Fundos Nacionais através da FCT-Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PEst-OE/HIS/UI4059/2014

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	
Maria do Carmo Ribeiro e Arnaldo Sousa Melo	5
<i>Centro y periferia en la ciudad antigua: el suburbio portuario de tarraco</i>	
Ricardo Mar.	9
<i>El crecimiento urbano de la Gerona medieval</i>	
David Vivó y Josep Maria Nolla	27
<i>Ciudad portuaria y periferia urbana en la España Atlántica en la Baja Edad Media.</i> <i>El caso de Santander</i>	
Jesús Ángel Solórzano Telechea.	41
<i>As fronteiras do “império”: Porto, Gaia e Vila Nova nos séculos XIII-XV</i>	
Luís Miguel Duarte.	65
<i>O crescimento periférico das cidades medievais portuguesas (séculos XIII-XVI): a influência dos mesteres e das instituições religiosas</i>	
Maria do Carmo Ribeiro e Arnaldo Sousa Melo	79
<i>A afirmação de um espaço periférico medieval: o arrabalde de Troino em Setúbal</i>	
Ana Cláudia Silveira	117
<i>Les périphéries de Paris au XIVe siècle: essai d’application de la théorie géographique aux sources médiévales</i>	
Boris Bove	139
<i>Les rythmes spatiaux et temporels de la dynamique urbaine à Paris du 16e au début du 19e s.</i>	
Davide Gherdevich e Hélène Noizet	175

<i>City and suburbs: London 1400-1700</i>	
Matthew Davies.	205
<i>Ligações entre a vila medieval e sua periferia em Barcelos:</i>	
<i>As portas e postigos do sistema defensivo</i>	
António Pereira.	229
<i>O Paço Real de Évora. Da periferia à centralidade – percurso de um espaço simbólico</i>	
Gustavo Silva Val-Flores	247
<i>Mourarias e cidade: discursos e espaços</i>	
Maria Filomena Lopes de Barros	271

APRESENTAÇÃO

MARIA DO CARMO RIBEIRO
ARNALDO SOUSA MELO

O livro que se apresenta surge na continuidade de dois anteriores volumes dedicados ao estudo da *Evolução da Paisagem Urbana*, na longa duração. O primeiro, editado em 2012, intitulado *Evolução da paisagem urbana: sociedade e economia*, centrou-se na análise histórica das inter-relações entre as estruturas económicas, sociais e políticas e a paisagem urbana nas suas expressões materiais. O segundo, publicado em 2013, valorizou a temática da transformação morfológica dos centros urbanos, incidindo de forma particular num período compreendido entre a época romana e o século XVIII, tendo como título *Evolução da paisagem urbana: transformação morfológica dos tecidos históricos*.

Por sua vez, o terceiro volume que aqui apresentamos centra o debate da *Evolução da Paisagem Urbana* na relação da cidade com a periferia, desde o período romano até à Idade Moderna. Procura-se, deste modo, privilegiar a análise da estreita articulação que a cidade estabeleceu desde sempre com o espaço envolvente, nomeadamente o periurbano, mas também com os pequenos focos de povoamento autónomo que, com frequência, se implantaram nas proximidades do centro urbano. Neste contexto as muralhas e as suas portas, bem como as vias de circulação, desempenharam um importante papel na articulação da cidade com a sua envolvente. Era na periferia que se localizavam preferencialmente necrópoles e estruturas religiosas, mas também atividades agrícolas, industriais e extrativas, entre outras. Por sua vez, o crescimento das cidades ditou em muitos casos a incorporação das zonas periféricas no espaço urbano. Inversamente, a sua retração transformou zonas urbanas em áreas periféricas. Neste sentido, a relação entre a cidade e a periferia, dependente dos processos de crescimento e de retração urbanos, mas também de fatores económicos, políticos, militares, religiosos, entre outros, diferiu ao longo dos vários períodos históricos, bem como de cidade para cidade.

À semelhança do que ocorreu com os dois livros anteriores, o debate sobre a relação da cidade com a periferia na análise da *Evolução da Paisagem Urbana* iniciou-se com um *Colóquio Internacional*, o terceiro portanto, realizado na Universidade do Minho, nos dias 2 e 3 maio de 2013. Pretendeu-se, num primeiro momento, reunir especialistas e investigadores que se dedicam ao estudo desta temática, procurando fomentar e alargar a discussão, comparando diferentes realidades cronológicas e geográficas, bem como distintas abordagens metodológicas. Deste modo, o presente livro surge na sequência deste colóquio, bem como na continuidade dos dois livros anteriores, reunindo um conjunto diversificado de capítulos que procuram contribuir para o aprofundamento da temática da *Evolução da Paisagem Urbana*.

O primeiro capítulo, da autoria de Ricardo Mar, analisa a questão da formação dos subúrbios das cidades romanas, bem como das dificuldades conceptuais que lhe estão subjacentes, nomeadamente a complexidade em distinguir cidade e periferia urbana. A partir do exemplo do subúrbio portuário de Tarraco o autor destaca a importância da documentação arqueológica e histórica produzida nos últimos anos sobre as cidades antigas, nomeadamente de Roma, Óstia, Timgad, mas também sobre Tarraco, no estudo a formação dos subúrbios das cidades romanas.

Seguidamente, David Vivó e Josep Maria Nolla abordam a evolução da cidade de Girona, em Espanha, que tendo origem numa pequena cidade romana confinada às suas muralhas, conheceu um importante desenvolvimento urbano durante a Antiguidade Tardia e a Idade Média, através do crescimento dos seus subúrbios. No século XV, a construção duma nova muralha irá criar uma nova realidade urbana.

A relação das cidades portuárias do Norte de Espanha com a sua periferia rural é analisada por Jesús Ángel Solórzano Telechea através do caso de Santander, nos finais da Idade Média. O autor explora o processo de crescente domínio da cidade sobre o campo verificado desde o século XIV, nomeadamente ao nível económico, político e social, bem como os conflitos que lhe estão associados.

As relações entre a cidade do Porto e os núcleos periféricos urbanos localizados na margem sul do rio Douro, nomeadamente Gaia e Vila Nova são analisadas por Luís Miguel Duarte. O autor realiza, deste modo, uma abordagem centrada nas relações entre as duas margens do curso final do rio Douro, nomeadamente no século XIII, com a atribuição dos forais a Gaia e a Vila Nova, mas também no século XIV, quando se verifica a integração destes dois concelhos no termo do Porto e a destruição do castelo de Gaia, em 1384.

Seguidamente, Maria do Carmo Ribeiro e Arnaldo Sousa Melo debruçam-se sobre o modo como os mesteres e as instituições religiosas influenciaram o desenvolvimento periférico de alguns núcleos urbanos portugueses nos séculos XIII- XVI, nomeadamente Braga, Guimarães, Porto e Lisboa. Os autores analisam as principais transformações verificadas na evolução urbana dos arrabaldes de cada uma das

referidas cidades, tendo em conta os contextos cronológicos e espaciais específicos, mas também a dinâmica social, política e cultural de cada uma.

Por sua vez, Ana Cláudia Silveira analisa o desenvolvimento urbanístico do arrabalde de Troino, em Setúbal, verificado nos séculos XV e XVI, para o qual o contributo de instituições religiosas foi determinante. Para além da Ordem de Santiago, a autora analisa o contributo da confraria da Anunciada e dos conventos mendicantes, que se estabeleceram nas proximidades numa zona de forte desenvolvimento demográfico.

A análise da relação da cidade de Paris com os seus subúrbios foi realizada em dois capítulos. No primeiro, Boris Bove apresenta um estudo das periferias de Paris no século XIV, a partir de fontes fiscais e seguindo uma metodologia de análise inspirada na geografia. O autor propõe a existência de vários níveis de gradação de periferias. Boris Bove localiza no espaço e caracteriza diferentes tipos de espaços periféricos, onde predominam distintos tipos de atividades, diferentes formas de urbanização, localizando-se umas dentro das muralhas de Filipe Augusto, outras no seu exterior.

O segundo capítulo sobre Paris, da autoria de Davide Gherdevich e Hélène Noizet, debruça-se sobre as dinâmicas urbanas entre o século XVI e os inícios do XIX. A partir de 4 plantas de Paris, datadas dos inícios do século XVI ao começo do século XIX, os autores identificaram diferentes níveis de urbanização, que colocam em questão o modelo tradicional de expansão urbana radio-concêntrica. Paris terá conhecido uma primeira fase de expansão essencialmente suburbana centrada na margem esquerda do rio, e uma segunda fase de desenvolvimento, iniciada no século XVIII, simultaneamente suburbana e periurbana, centrada na margem direita.

Seguidamente, Matthew Davies sintetiza os resultados derivados de importantes projetos de investigação sobre o crescimento urbano de Londres, entre 1400 e 1700. De facto, Londres e os seus subúrbios conheceram um impressionante aumento demográfico que se traduziu num forte crescimento dos seus arrabaldes, nomeadamente na área leste de Aldgate. A existência de vários tipos de fontes para o período Moderno permitiu reconstituir vários aspetos da evolução de propriedades concretas e dos seus ocupantes, em particular a dimensão física e arquitetura das casas, as transformações da paisagem urbana, bem como o tamanho da família na sua relação com a crescente subdivisão das habitações. Este processo ter-se-á desenvolvido, em geral, de forma desordenada e as diferenças entre os subúrbios e as zonas intramuros não terão sido muito acentuadas.

A questão da importância das muralhas no desenvolvimento periférico das cidades foi abordada por António Pereira que analisa em particular o impacto das portas e postigos, no desenvolvimento periférico da cidade de Barcelos no

século XV. O autor, cruzando diferentes tipos de fontes, nomeadamente o edificado sobrevivente, bem como o recurso a novas tecnologias de informação, procura elaborar uma caracterização da evolução dos espaços periféricos, em função do sistema defensivo.

Por sua vez, a transformação dum espaço periférico numa nova centralidade é analisada por Gustavo Val-Flores a partir do caso do Paço Real de Évora. Na realidade, a construção dum novo Paço régio em Évora, junto ao Convento de São Francisco, numa zona periférica da cidade, vai condicionar o aparecimento dum novo foco de desenvolvimento urbano. Muito embora se desconheça a arquitetura e estrutura do edifício, já desaparecido, a importância simbólica dessa construção marcou fortemente o espaço que o envolveu.

Finalmente, a influência das mourarias no desenvolvimento urbano das cidades medievais portuguesas foi analisada por Filomena Barros, tendo em conta as suas especificidades étnico-religiosas, mas também a sua inserção no espaço urbano. A autora considera que as mourarias apresentavam morfologias diferenciadas, que variavam entre arrabaldes, bairros intramuros ou, ainda, soluções mistas, ocupando áreas simultaneamente intra e extra muros. As mourarias, ao longo dos séculos XIV e XV, irão materializar cada vez mais a ideologia da separação física e controlo das minorias islâmica e judaica nas cidades cristãs.

Pese embora a necessidade de continuar e aprofundar os estudos sobre a temática da relação entre cidade e periferia, pensamos que os capítulos reunidos neste livro constituem um contributo relevante, que abrange diferentes realidades geográficas e cronológicas, permitindo igualmente confrontar distintas fontes e metodologias de trabalho, bem como as especificidades inerentes a diversos núcleos urbanos.

Para terminar a apresentação deste livro, gostaríamos de expressar os nossos agradecimentos a todos aqueles que tornaram possível a sua publicação. Aos autores dos capítulos, pela disponibilização dos resultados e reflexões provenientes das suas investigações recentes. Ao Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM), ao Departamento de História e à Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, ao Instituto de Estudos Medievais (IEM) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, à Associação Comercial de Braga, e ao Programa FACC da FCT, agradecemos as disponibilidades logísticas, editoriais e apoio financeiro concedidos.